

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE PEDAGOGIA

TAMIRES DE MATOS STUART

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES/ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE SOMBRIO: ANÁLISE DAS FALAS DAS
PROFESSORAS NUMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA.**

CRICIUMA, JUNHO DE 2010

TAMIRES DE MATOS STUART

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES/ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE SOMBRIO: ANÁLISE DAS FALAS DAS
PROFESSORAS NUMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção do grau de Licenciatura no curso
de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientadora: Professora Gislene Camargo
Dassoler.

CRICIUMA, JUNHO DE 2010

TAMIRES DE MATOS STUART

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES/ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE SOMBRIO: ANÁLISE DAS FALAS DAS
PROFESSORAS NUMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Teoria e Prática Pedagógica.

Criciúma, 06 de Julho de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Gislene Camargo Dassoler - Especialista – (UNESC) - Orientadora

Prof. Julia Hélio Lino Clasen - (Especialista) – (UNESC)

Prof. Ricardo Luiz de Bittencourt - Doutor - (UNESC)

Dedico esta pesquisa as pessoas mais importantes da minha vida, meus pais, Omir e Ana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu o melhor presente: A vida.

Agradeço a meus pais por terem me amado tanto, e incentivarem na realização do meu sonho profissional de me formar Pedagoga.

Agradeço a minha Orientadora, exemplo de pessoa, de professora, que nunca esquecerei e que guardarei como Amiga.

Agradeço as minhas colegas, que estiveram comigo nesses quatro anos de risos, lágrimas, ansiedades, e que se tornaram grandes amigas de vida, Lara, Naiara e Bruna, a essa última um agradecimento especial: Obrigada Amiga, por tudo.

Agradeço a meu marido, companheiro, que entendeu minha ansiedade, e que se fez presente sempre que precisei.

Foi graças a vocês que eu me tornei o que sou hoje.

RESUMO

O presente trabalho teve como problema de pesquisa as dificuldades recorrentes em sala de aula pelas falas das professoras numa abordagem psicopedagógica. Essa pesquisa teve como objetivo verificar quais as dificuldades de aprendizagens recorrentes nas séries/anos iniciais, observar e analisar como as professoras lidam com essas dificuldades na sala de aula, quais seus encaminhamentos e recursos disponíveis para ajudar tanto as crianças com dificuldades como a elas mesmas, analisando, também, se há resultados na intervenção psicopedagógica nessas dificuldades de aprendizagem. Foi utilizado como instrumento de pesquisa a entrevista semi estruturada com quatro professoras das séries/anos iniciais que foram analisados a luz do referencial teórico. As entrevistas contribuíram significativamente para a análise desse problema de pesquisa e percebeu-se quais os problemas que a maioria das crianças das séries/anos iniciais do município de sombrio enfrentam no início de seu processo de ensino e aprendizagem na escola. E analisando as entrevistas com o referencial percebeu-se quão importante são os estudos da Psicopedagogia para a educação na atualidade, pois o profissional da psicopedagogia traz um outro olhar para a dificuldade de aprendizagem, esse olhar que é tão importante para analisar os processos pedagógicos, a formação de professores e o cotidiano escolar.

Palavras-chave: Dificuldades de Aprendizagem. Séries anos/iniciais. Professoras. Psicopedagogia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.	9
3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NUMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA.....	16
3.1 Família: um adendo essencial.....	22
4 ENSINANTES E APRENDENTES: QUEM TEM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM?.....	26
5 METODOLOGIA	35
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	38
6.1 A fala das professoras sobre as dificuldades de aprendizagens recorrentes na sala de aula.....	38
6.2 Procedimentos metodológicos utilizados pelas professoras em relação aos alunos com dificuldades de aprendizagem	41
6.3 Contribuições da psicopedagogia nos atendimentos aos alunos com dificuldades de aprendizagem.	45
7 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	52

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho teve como problema, que incentivou a pesquisa, as dificuldades recorrentes em sala de aula, representadas pelas falas das professoras que foram analisadas numa abordagem psicopedagógica. No curso de pedagogia da UNESC, ao qual cursei, tive a disciplina optativa “Introdução a Psicopedagogia” na 7ª fase com a professora Gislene Camargo. Conheceu-se um pouco mais sobre esta área de estudo, ainda nova no Brasil, que trata das dificuldades de aprendizagem que, geralmente, aparecem na escola.

A psicopedagogia traz novas possibilidades de reflexão sobre a educação, sobre as instâncias e as fraturas relacionadas ao processo educacional. Interessei-me pelos estudos psicopedagógicos por contribuir para a construção de uma prática pedagógica que considera os diferentes olhares sobre o professor, o aluno, a família, a escola, buscando referenciais teóricos que constituem e embasam este conjunto.

Pesquisando os TCCs do curso de pedagogia da Unesc, verifiquei que não há nenhum projeto de pesquisa com este tema, o que me incentivou, ainda, mais em fazê-lo.

Com essa pesquisa pretendia aprofundar os conhecimentos sobre a Psicopedagogia para poder analisar as dificuldades de aprendizagens a partir da abordagem psicopedagógica, verificando as dificuldades de aprendizagens recorrentes nas séries/anos iniciais, observar e analisar como as professoras lidam com essas dificuldades na sala de aula, quais seus encaminhamentos e recursos disponíveis para ajudar tanto as crianças com dificuldades como a elas mesmas, analisando, também, se há resultados na intervenção psicopedagógica nessas dificuldades de aprendizagem. Essa pesquisa foi muito importante para a continuação de meus estudos, pois pretendo fazer Pós-graduação nesta área.

As questões que nortearam essa pesquisa foram: Quais as dificuldades recorrentes nas séries/anos iniciais, baseada nas falas das professoras? Como as professoras lidam com as dificuldades de aprendizagem? Como analisar psicopedagogicamente as dificuldades de aprendizagem recorrentes nas séries/anos iniciais? Acredita-se que no decorrer do trabalho tanto o referencial teórico como as professoras entrevistadas nos responderam essas perguntas de

forma clara, mostrando o quão importante é estarmos sempre atentos ao processo de aprendizagem de cada aluno, bem como a formação dos professores. E neste caso sob o olhar psicopedagógico.

Os capítulos foram estruturados a partir das questões norteadoras e no decorrer da pesquisa por meio das falas das professoras, que são divididos em: Histórico da Psicopedagogia no Brasil e sua contribuição no processo de ensino aprendizagem, Dificuldades de aprendizagem numa abordagem psicopedagogia, com um subtítulo titulado como Família: um adendo essencial, e o 4º capítulo Ensinantes e aprendentes: quem tem dificuldades de aprendizagem? Seguindo com a metodologia e apresentação e análise de dados. Os pontos essenciais retirados das entrevistas é que suscitaram boas análises.

2 HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.

Quando ouvimos falar em psicopedagogia, profissionais da psicopedagogia, e orientação psicopedagógica, fazemos uma pré-análise de que psicopedagogia é uma aplicação da psicologia à pedagogia, o que não está errado, mas que não é só isso. Como nos dizem esses dois autores:

Para Neves (1991, p. 10):

Falar sobre psicopedagogia é, necessariamente, falar sobre a articulação entre educação e psicologia, articulação essa que desafia estudiosos e práticos dessas duas áreas. Embora quase sempre presente no relato de inúmeros trabalhos científicos que tratam principalmente dos problemas ligados à aprendizagem, o termo psicopedagogia não consegue adquirir clareza na sua dimensão conceitual.

Para Kiguel (1983, p. 22):

Historicamente a psicopedagogia surgiu na fronteira entre a pedagogia e a psicologia, a partir das necessidades de atendimento de crianças com 'distúrbios de aprendizagens', consideradas inaptas dentro do sistema educacional convencional.

De acordo com os autores, a psicopedagogia passa por uma reformulação conceitual, ou seja, a psicopedagogia, ainda, está em fase de desenvolvimento, juntando a prática com a teoria, buscando se aprimorar do processo de aprendizagem para agir sobre ele de forma mais preventiva.

Bossa (2000, p. 14) afirma que "O termo psicopedagogia distingue-se em três conotações: como uma prática, como um campo de investigação do ato de aprender e como (pretende-se) um saber científico".

Segundo Bossa (2000) diversos autores dão a psicopedagogia um caráter interdisciplinar, pois esta busca conhecimentos em outros campos, criando seu próprio objeto, condição essencial da interdisciplinaridade. Então, psicopedagogia não é apenas pedagogia e psicologia, mas sim, uma nova área, que recorrendo a essas duas, pensa o seu objeto de estudo a partir de um corpo teórico próprio, que

busca se constituir. A psicopedagogia surge então como uma necessidade, ou seja, de uma problemática, que seriam as dificuldades de aprendizagem.

Para Bossa (2000), a psicopedagogia tem como objetivo essencial a aprendizagem humana, que vai além da psicologia e da pedagogia, que de alguma forma, deixaram o campo das dificuldades de aprendizagens vazio, vindo a psicopedagogia preencher e estudá-las utilizando estudos e ideias dessas duas áreas, mas que atua numa área desconhecida ainda pelas mesmas, e está evoluindo, constituindo-se assim numa prática Psicopedagógica.

Bossa (2000) em seus estudos analisa que no Brasil durante a década de 70, o que explicava o fracasso escolar eram problemas neurológicos, indicando o peso da concepção organicista, então, se a preocupação está no orgânico, onde está o psicológico? Então a psicopedagogia não pode ser pensada apenas como uma aplicação da pedagogia e psicologia. Para chegar a um conceito de psicopedagogia iremos ver seu objetivo, sua interdisciplinaridade e seu campo de atuação.

O Objetivo da Psicopedagogia para Golbert (1985 p.13):

[...] o objetivo da Psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico. O enfoque preventivo considera o objeto de estudo da psicopedagogia o ser humano em desenvolvimento, enquanto educável. Seu objeto de estudo é a pessoa a ser educada, seus processos de desenvolvimento e as alterações de tais processos. Focaliza as possibilidades do aprender, num sentido amplo. Não deve se restringir a uma só agência como a escola, mas ir também a família e à comunidade. Poderá esclarecer, de forma mais ou menos sistemática, a professores, pais e administradores sobre as características das diferentes etapas do desenvolvimento, sobre o progresso nos processos de aprendizagens, sobre as condições psicodinâmicas da aprendizagem, sobre as condições determinantes de dificuldades de aprendizagem. O enfoque terapêutico considera o objeto de estudo da psicopedagogia a identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagens.

O psicopedagogo deve estar embasado nas concepções de aprendizagem que os estudos da pedagogia oferecem para poder diagnosticar em que momento do processo de aprendizagem a criança sofreu bloqueios, e assim poder ajudá-la a superar as fraturas referentes ao processo de aprendizagem.

Segundo Bossa (2000) a definição de objeto de estudo passou por várias fases: a reeducação, que trabalhava com as regularidades, o esperado para cada idade. Outra fase foi fundamentada na psicanálise e na psicologia genética, levando

em conta a singularidade do indivíduo, buscando suas características e alterações, aqui o objeto de estudo é o “aprendente”. Atualmente a psicopedagogia trabalha com uma concepção de aprendizagem segundo a qual participa desse processo um equipamento biológico com disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito com o meio, sendo que essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e de seu meio.

Então a causa e razão da psicopedagogia existir são os problemas de aprendizagem, e o seu objeto de estudo é o sujeito que sofre essa dificuldade em aprender. Como nos diz também Fernández (1984, p.8):

[...] todo sujeito tem sua modalidade de aprendizagem, ou seja, meios, condições e limites para conhecer. Modalidade de aprendizagem significa uma maneira pessoal para aproximar-se do conhecimento e constituir o saber. Tal modalidade constrói-se desde o nascimento, é como uma matriz, um molde, um esquema de operar que vamos utilizando nas situações de aprendizagem. Essa modalidade é fruto de seu inconsciente simbólico constituído na sua inter-relação com o outro e de sua atividade estruturante de um universo estável: relação causa-efeito, espaço-temporal, objetividade. Assim, organizam-se as operações lógicas, classificadas e de relação que de um nível de elaboração simples passa a outro cada vez mais complexo.

Para entendermos melhor a psicopedagogia devemos conhecer as teorias que embasam essa prática, para Bossa (2000) são os estudos da Pedagogia e da Psicologia, visando a integração das ciências pedagógica, psicológica, fonoaudiológica, neuropsicológica, e psicolinguística, para assim, se integrar desse fenômeno que é a aprendizagem humana. Seu objeto de estudo é muito complexo, nem sempre se encontra apenas uma dificuldade no aluno, por isso a psicopedagogia e o psicopedagogo precisam estar fundamentados nestas outras áreas de estudo além da pedagogia e psicologia.

Segundo Bossa (2000) o psicopedagogo pode trabalhar com seu objeto de estudo como clínico, preventivo e teórico. Os dois primeiros não deixam de ser teóricos, pois cada aluno tem sua individualidade, fazendo com que o profissional busque sempre a teoria para ajudar na prevenção e tratamento. A área preventiva foca-se na orientação do processo de ensino aprendizagem, visando favorecer a apropriação do conhecimento no ser humano, ao longo de seu desenvolvimento. O trabalho pode ser feito de forma individual ou grupal.

O trabalho psicopedagógico, também, poderá ter um caráter assistencial, quando o profissional participa do planejamento de projetos, programas da

educação e da saúde, auxiliando os educadores ou profissionais da saúde no processo ensino aprendizagem.

O psicopedagogo pode atuar autônomo, tendo sua própria clínica, ou escritório, onde atende as crianças que estão com dificuldades de aprendizagem na escola. Segundo Bossa (2000) existe, também, uma proposta de trabalho nas empresas onde o objetivo seria favorecer a aprendizagem do sujeito para uma nova função, auxiliando-o para um desenvolvimento mais efetivo de suas atividades.

A autora nos diz algo muito importante sobre que caminho os estudos da psicopedagogia estão seguindo:

Historicamente, a Psicopedagogia nasceu para entender a patologia da aprendizagem, mas ela se tem voltado cada vez mais para uma ação preventiva, acreditando que muitas dificuldades de aprendizagem se devem a inadequada Pedagogia institucional e familiar. A proposta da psicopedagogia, numa ação preventiva, é adotar uma postura crítica frente ao fracasso escolar, numa concepção mais totalizante, visando propor novas alternativas de ação voltadas para a melhoria a prática pedagógica nas escolas. (BOSSA, 2000, p. 31).

A psicopedagogia com o tempo está mudando seu objetivo inicial, atualmente, por meio da Psicopedagogia Institucional, trabalha de forma preventiva na pedagogia das séries anos/iniciais visa orientar o professor a compreender a aprendizagem do aluno de uma forma generalizada, estimulando tanto a escrita quanto a fala, o raciocínio e a psicomotricidade. Sendo assim, a psicopedagogia deve trabalhar na formação desses profissionais que terão a possibilidade de conhecer as modalidades de aprendizagens.

A psicopedagogia não nasceu no Brasil, nem na Argentina, quando cita-se a Argentina, refere-se ao fato de ver tantos autores argentinos nos livros pesquisados para essa pesquisa, sendo que a psicopedagogia no Brasil foi influenciada pela Argentina. Segundo Bossa (2000, p. 36) “Investigando a literatura sobre o tema, podemos verificar que a preocupação com os problemas de aprendizagem teve origem na Europa, ainda no século XIX”.

Segundo Bossa (2000) A primeira concepção a dar definição aos problemas de aprendizagem, foi a orgânica, nascida no século XX, essa concepção se referia as crianças com dificuldades de aprendizagem como anormais, o conceito de anormalidade foi aos poucos deslocado dos centros psiquiátricos para as escolas, onde a criança que não aprendia era taxada de anormal devido alguma

anomalia anatomofisiológica.

Janine Mery e George Mauco são europeus citados pela literatura francesa quando levantamos o termo Psicopedagogia e problemas de aprendizagem. Janine Mery foi uma psicopedagoga francesa que apresenta algumas considerações sobre o termo psicopedagogia e sobre como a psicopedagogia surgiu na Europa. George Mauco fundador do primeiro centro médico - psicopedagógico na França, onde começaram as primeiras tentativas de articulação entre Medicina, Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, na solução de comportamento e problemas de aprendizagem. (BOSSA, 2000, p. 37).

A autora Mery (1985) aponta o século XIX como aquele em que teve início o interesse por compreender e atender pessoas com deficiências sensoriais, debilidade mental e outros problemas que comprometessem a aprendizagem

Bossa (2000) diz que no Brasil, o problema no processo de ensino aprendizagem era explicado, também, na concepção organicista, e esses problemas que as crianças tinham não diagnosticado nos exames clínicos, era chamada de disfunção cerebral mínima (DCM).

Bossa (2000), nos traz a caminhada da psicopedagogia no Brasil, que segundo ela, há registros no ano de 1954, no Rio Grande do Sul, o primeiro “Curso de Orientação Psicopedagógica” patrocinado pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacional, nesse momento cria-se o Departamento de Educação Especial orientado para o atendimento de crianças excepcionais. Em 1967 é desenvolvido um curso com dois anos de duração para professores especializados no atendimento psicopedagógico das Clínicas de Leitura. O Dr. Julio Bernaldo de Quirós, foi um famoso foniatra e neurologista argentino que trouxe para o Brasil, no Rio Grande do Sul, inúmeros livros publicados e suas vindas a Porto Alegre oferecendo cursos especializados a especialistas gaúchos nessa área, foi assim que a psicopedagogia e sua prática tiveram início no Brasil.

“A partir de 1970, iniciam cursos de formação de especialistas em Psicopedagogia na Clínica Médico – Pedagógica de Porto Alegre, com a duração de dois anos.” (BOSSA, 2000, p. 52). Logo após, foi desenvolvido na UFRGS um curso em nível de especialização num total de 1530 horas, mas a falta de estrutura para estágios e profissionais da área desencorajou a universidade a dar seguimento em nível universitário.

Citando Bossa (2000, p.52):

Outro marco decisivo na história da Psicopedagogia foi o 1º encontro de Psicopedagogos, em São Paulo, em novembro de 1984, quando Clarissa Golbert e Sonia Maria Moojen Kiguel apresentaram seus trabalhos, tecendo considerações a respeito das atividades dos psicopedagogos em Porto Alegre. [...] A partir desse evento, a idéia de transformar o Grupo Livre de Estudos em Psicopedagogia (como era chamado), em Associação de Psicopedagogos, foi amadurecido.

Depois desses eventos, aconteceu o 1ª seminário de estudos em Psicopedagogia, em que foi escolhido o primeiro Conselho Diretor, Conselho Fiscal, Financeiro e Científico.

Foram desenvolvidos vários cursos de especialização em várias Universidades, e recentemente, sob a assessoria de elementos da Diretoria da Seção Gaúcha, está desenvolvendo um curso na Faculdade Porto Alegrense.

Segundo Kiguel (1983, p. 15) “Embora a Psicopedagogia seja uma área interdisciplinar que teve uma ampliação considerável nos últimos anos, ela tem se ligado historicamente à educação, mais do que a Medicina e a Psicologia.” Como no começo as dificuldades de aprendizagem eram tratadas com médicos e problemas neurológicos, hoje em dia, com a Psicopedagogia, esses problemas são ligados a educação e a tudo que se relaciona com o cotidiano de uma criança.

Bossa (2000) nos faz a referência do trabalho da professora Genny Golubi de Moraes que trouxe para a psicopedagogia o caráter preventivo, deixando clara sua preocupação no sentido de fazer com que cada vez menos crianças cheguem a clínica por problemas escolares.

A autora, ainda, nos traz um elemento importante a ser pensado, sobre o crescimento significativo dos cursos profissionalizantes de Psicopedagogia no Brasil:

Se, por um lado, o crescente número de cursos comprova o grande interesse pela Psicopedagogia, por outro lado é preocupante o fato de que possam se proliferar em cursos que ofereçam formações precárias, repetindo a história da educação brasileira das últimas décadas, marcada com empresas com fins meramente lucrativos, intituladas “instituições de ensino”, as quais atribuem diplomas e certificados que habilitam profissionais mal formados. (BOSSA, 2000, p.56).

A psicopedagogia como toda prática, implica um exercício de profissão, ainda que não seja reconhecida legalmente por isso, profissionais dessa área tem a função de contribuir para a compreensão do processo de ensino e aprendizagem e

diagnóstico dos fatores que não permitem a efetivação do conhecimento. Se esses profissionais não estiverem bem embasados teoricamente, como poderão contribuir de forma significativa na vida escolar de uma criança?

Enfim, a psicopedagogia em sua caminhada pelo mundo, cresceu e se expandiu gradativamente, e pode crescer, ainda mais, em busca de melhoria em sua teoria e prática, e a profissionalização dos profissionais desta área tão importante para a educação. Seus estudos contribuíram muito, tanto para a formação acadêmica de profissionais da educação como para essas crianças que no passado eram taxadas de anormais, e que hoje podem contar com a psicopedagogia e inserirem-se no processo de ensino e aprendizagem.

3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NUMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA.

Começo esse capítulo com as quatro aprendizagens fundamentais ao longo da vida de todos os seres humanos, os quatros pilares da Educação/UNESCO. Que segundo Bossa (2002, p.19) seriam elas:

- Aprender a conhecer;
- Aprender a fazer;
- Aprender a conviver;
- Aprender a ser;

Na primeira aprendizagem, poderá surgir a dificuldade em aprender, ou seja, em conhecer o novo. E assim, sem aprender a conhecer, as outras aprendizagens, também, não são efetuadas, conseqüentemente, poderá acontecer como nessas frases escritas. Bossa (2002, p. 72):

Eu não conseguia aprender a ler. Tinha muita vergonha das outras crianças. A professora brigava comigo toda aula. Quase todo dia apanhava de minha mãe por causa da lição. Eu era uma criança muito infeliz, odiava a escola. Acabei não estudando. Até hoje tenho vergonha de dizer que só concluí o ensino fundamental. Não tenho coragem nem de fazer um curso de computação. Acho que devo ter algum problema, nunca consegui aprender nada. Já sofri muito por isso. Detesto minha profissão. Sou vendedor, sem estudo o que eu poderia fazer? O que eu queria mesmo era ser advogado, mais sei que jamais conseguiria fazer um curso de direito. Essa é a maior frustração da minha vida.

São inúmeras as dificuldades de aprendizagem, segundo Smith; Strick (2001) são problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações. Dificuldades estas consideradas raras no passado, mas que hoje em dia afetam 5% da população, não incluindo aquelas crianças que tem dificuldades em aprender, mas não são identificadas, e se não tratados como vimos no depoimento, traz danos para uma vida inteira.

Conforme nos aponta Vial (1979) citado por Baeta (1988, apud BOSSA, 2002, p. 23):

Os primeiros trabalhos sobre as dificuldades de aprendizagem escolar centravam suas explicações nas noções de congenitabilidade e de

hereditariedade, atribuindo todas as perturbações que não fossem causadas por lesão cerebral a disfunções neurológicas ou a retardos de maturação imputados a um equipamento genético defeituoso.

Como no passado eram raras as dificuldades de aprendizagem, as que existiam eram atribuídas à hereditariedade, ou a alguma deficiência. Mas hoje, podemos ver crianças sadias, espertas, que por alguma razão, não conseguem aprender.

Embora dificuldade de aprendizagem seja um assunto comum entre profissionais da área da educação, elas ainda são pouco entendidas pelos pais e pelos próprios professores como nos aponta Smith e Strick (2001, p.15):

As informações sobre dificuldades de aprendizagem tem tido uma penetração tão lenta que os enganos são abundantes até mesmo entre professores e outros profissionais da educação. Não é difícil entender a confusão. Para começo de conversa, o termo dificuldades de aprendizagem refere-se não à um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico.

Há crianças com dificuldades de aprendizagem, que na verdade aparentam não ter. Porém a dificuldade pode afetar uma área, e nas demais a criança pode se desenvolver normalmente. Como exemplo, como pode um aluno poder ler três anos a frente da turma, e entregar um trabalho por escrito incompreensível? Aqui pode estar a nossa deficiência, em ver o que a criança não faz, e fechar os olhos para o que ela faz. Na maioria das vezes, rotulando-a de incapaz, desatenta e desmotivada.

Segundo Ocampo (apud BOSSA, 2002, p.23):

No campo das dificuldades de aprendizagem, o que importa não é considerar apenas o potencial intelectual demonstrado pelo sujeito no momento do exame, mas também o potencial que possui e não pode usar. Para entender a dificuldade de aprendizagem do sujeito deve-se estudar a sua singularidade para diagnosticar seu sintoma escolar.

O que Ocampo quer nos dizer é que cada criança tem uma história, uma família, uma cultura, e assim, suas singularidades, o olhar do professor, dos pais, dos profissionais psicólogos e psicopedagogos e da escola, também, deve estar voltado para o que o aluno consegue fazer, valorizar essa capacidade, deixá-lo

confiante, se puder resolver cálculos de matemática, também poderá escrever e ler um texto.

Segundo Smith; Strick (2001), o que as crianças com dificuldades de aprendizagem têm em comum é o baixo desempenho inesperado. Na maior parte do tempo, elas funcionam de um modo consistente com o que seria esperado de sua capacidade intelectual, bagagem familiar e educacional, mas dê-lhes certos tipos de tarefas e seus cérebros parecem congelar, ou seja, seu desempenho é inconsistente, então costumamos ouvir as seguintes frases “não consigo fazer” “não sei, esqueci” e etc.

As deficiências que mais tendem a afetar a educação de um aluno são: percepção visual, processamento da linguagem, habilidades motoras finas e capacidade para focalizar a atenção. Deficiências como estas, por menor que sejam, podem ter um impacto devastador tão logo a criança entre na escola, e se essas dificuldades não foram diagnosticadas pelos pais, é na escola que elas irão ser. (SMITH; STRICK, 2001)

Há, também, um comportamento entre as crianças que costuma complicar ainda mais seu desenvolvimento educacional, a famosa hiperatividade, uma inquietação extrema que afeta 15 a 29% das crianças com dificuldades de aprendizagem. Há outros comportamentos que podem problematizar essas crianças, que são os seguintes: fraco alcance da atenção; dificuldade para seguir instruções; Imaturidade social; dificuldade com a conversação; inflexibilidade; fraco planejamento e habilidades organizacionais; distração; falta de destreza; falta de controle dos impulsos. Esses comportamentos surgem a partir das mesmas condições neurológicas que causam problemas de aprendizagem. (SMITH; STRICK, 2001).

Mesmo havendo muitas crianças com dificuldades de aprendizagem felizes, e se adaptando a escola, existe também as infelizes e que se sentem excluídas, como nos diz Smith e Strick (2001, p. 16):

Esses estudantes tornam-se tão frustrados tentando fazer coisas que não conseguem que desistem de aprender e começam a desenvolver estratégias para evitar isso. Eles questionam sua própria inteligência e começam a achar que não podem ser ajudados. Muitos se sentem furiosos e põem para fora, fisicamente, tal sensação; outros se tornam ansiosos e deprimidos.

A criança se exclui se isola, esse isolamento só irá piorar seu quadro, pois é preciso do ambiente social, da troca, da amizade e a efetividade que ela precisa ter para aprender a conhecer.

Passando a infância com esse isolamento e, automaticamente, com a baixa-estima, estudos comprovam que esses adolescentes apresentam maior risco em abandonar os estudos, se envolver com drogas, atividades criminosas, e também, o suicídio.

O que causa uma dificuldade de aprendizagem? Essa questão pode ter uma resposta difícil, porque múltiplos fatores contribuem para as dificuldades de aprendizagem. Pesquisas são realizadas com exames na cabeça, e com cérebros de pacientes mortos que tinham dificuldades de aprendizagem, para se chegar a uma explicação de como ocorre essa incapacidade em efetuar o aprendizado. Mas mesmo que essas pesquisas estejam produzindo informações cada vez mais úteis, nem sempre é simples aplicar tais informações a um indivíduo.

Segundo Smith e Strick (2001, p. 20) “O desenvolvimento individual das crianças também é maciçamente influenciado por sua família, pela escola e pelo ambiente da comunidade.” Ele quer dizer que, embora as dificuldades de aprendizagem sejam supostamente biológicas é o ambiente que determina a gravidade da dificuldade de aprendizagem. A criança pode ter uma dificuldade, mas dependendo do ambiente em que vive, se ela é estimulada, essa dificuldade não vai ter um impacto tão grande como numa criança que vive em um ambiente apenas de reprodução e não é escutada.

Os estudos feitos nessa área, ainda não oferecem tratamentos médicos, mas a experiência tem mostrado que com a identificação da dificuldade, a procura por ajuda (pais, profissionais) e a mudança do ambiente escolar ou familiar pode fazer uma diferença no progresso educacional da criança. Isso nos mostra, por mais que as dificuldades de aprendizagem os acompanhem pela vida inteira, elas podem ser melhoradas. (SMITH; STRICK, 2001).

Segundo Smith; Strick (2001), os fatores biológicos que contribuem para as dificuldades de aprendizagem podem ser divididos em quatro categorias gerais: lesão cerebral, erros no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios neuroquímicos e hereditariedade.

Um dos motivos de as crianças apresentarem dificuldades de aprendizagem, que devemos levar em consideração neste estudo, seria o ambiente

escolar onde ela iniciou seu desenvolvimento intelectual. Se a escola não oferecer oportunidades apropriadas de aprender, essas crianças nunca poderão desenvolver essa ampla faixa de capacidades. Uma tem dificuldades no raciocínio, outras na linguagem, na escrita. Então isso depende muito da instituição em que essa criança iniciou os estudos e os profissionais que trabalharam com elas.

Temos que considerar a cena em sua totalidade, se em uma sala de aula, dez alunos não conseguem fazer a lição de casa, nem os exercícios em sala de aula, e a professora fala em dificuldades de aprendizagem, temos que analisar as condições de ensino.

Acredito que a aprendizagem, se dá pelo meio, pela relação, no âmbito familiar, social e institucional, a dificuldade de aprendizagem ocorre do mesmo jeito, mas ao contrário, impedindo esse conhecimento de acontecer. Assim nos diz Barbosa (2001, p. 32):

O processo de aprender não acontece em linha reta, numa ascensão suave de aquisições que vão se somando simplesmente umas as outras; e sim apresenta um traçado acidentado, definido como “dente de serra”, com picos de alturas variadas, em que se soma, subtrai-se, divide-se e multiplica-se. Em alguns momentos, o aprendiz resolve as situações com facilidade; em outros, surge a dificuldade que o mobiliza para a solução.

Ela nos diz, que “acertar, para muitos ainda, significa falar o que outro diz, pensar como o outro pensa, sem criticar, sem refletir, apenas reproduzindo” (BARBOSA 2001, p.33). A dificuldade em aprender pode estar nos professores também, em suas concepções de aprendizagem que não permitem que seu aluno tenha idéias, pensamentos, que nem sempre estão corretos, mas que dizem mais dele do que qualquer tarefa certa que ele faria.

O objetivo dessa pesquisa é o de conhecer as dificuldades de aprendizagens recorrentes no município de Sombrio, e após as entrevistas, verificamos o que mais acontecem são a leitura e a escrita, segundo Barone (1993) as teorias tradicionais sobre a aprendizagem da leitura e da escrita se confundem a respeito do objeto desta aprendizagem, isto é, da natureza da linguagem escrita. Sendo a invenção da escrita um processo histórico de construção de um sistema de representação da linguagem, e não um processo de codificação, a aprendizagem da leitura e da escrita será por isso mesmo um processo de reconstrução do sistema de representação, ou seja, a criança para aprender a ler e a escrever precisa

reconstruir esse processo e não apenas decodificar e reproduzir palavras e símbolos, ela precisa encontrar sentido naquilo que está aprendendo, fazendo uso da sua escrita e leitura.

Para Barone (1993) apesar de tal abordagem lançar luz sobre algumas dimensões do problema da aquisição da leitura e da escrita e suas dificuldades, essa aprendizagem como todas as outras é muito complexa, exigindo vários fatores para que seu processo seja realizado com sucesso.

Zorzi (2003, p.161) nos fala sobre todos esses fatores que influenciam na hora do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, e nos diz que:

Os valores indicativos de altos índices de dificuldades de aprendizagem e de baixo rendimento escolar, mesmo daquelas crianças consideradas como não apresentando qualquer distúrbio de aprendizagem, são pouco animadores e levantam questões fundamentais, particularmente em termos das etapas iniciais da escolarização. Muitas são as razões que levam a esta situação que, dada a sua configuração, obriga a reflexões de natureza social, política, econômica e, como não poderia deixar de ser, de ordem metodológica e de aprendizagem propriamente dita.

Ou seja, segundo Zorzi (2003), o aprendizado da leitura e da escrita depende, fundamentalmente, de condições sociais propícias. A criança está dependendo de ambientes e pessoas que influenciam o letramento, e a alfabetização.

Enfim, identificar uma dificuldade de aprendizagem é estudar um indivíduo seu passado, sua relação com o mundo e sua família. E depois disso, estudar e pesquisar formas de fazer com que ele aprenda, e supere essa dificuldade, buscando recursos e ajuda com outros profissionais, e assim, fazer um trabalho conjunto que irá diagnosticar o problema e encaminhar esse aluno ao especialista mais indicado para tratá-lo. Essa dificuldade como vimos, se não for tratada desde cedo, pode acompanhar a criança em toda sua educação, mas não tão intensamente que o impeça de viver, realizar seus sonhos e ser muito bem sucedido em sua vida.

3.1 Família: um adendo essencial.

Assim que a entrevista com as professoras das séries/anos iniciais do Ensino Fundamental era concluída, eu desligava o gravador, elas falavam sobre a importância da família na vida escolar da criança, e que muitas vezes, uma dificuldade de aprendizagem, é resultado de uma carência, ou da própria cultura em que esse indivíduo e sua família vivem. Por esse motivo, escrevi sobre a família e sua influência nas dificuldades de aprendizagem e também no tratamento delas.

Nessa pesquisa falamos das dificuldades de aprendizagem, e que contribuições os estudos da psicopedagogia interdisciplinar traz para as crianças que não conseguem efetivar o conhecimento. Para entendermos um pouco mais sobre esse assunto, precisamos entender qual a influência da família na educação de uma criança. Sabemos de início, que a criança recebendo o apoio, a afetividade, o acompanhamento dos pais na sua educação, está menos propício a ter bloqueios no seu processo ensino aprendizagem.

Segundo nos diz Munhoz (2003, p. 175):

Propor o pensamento psicopedagógico sistêmico no entendimento das questões educativas, na família e na escola, é possibilitar uma visão mais ampla entre o ensinar e o aprender na compreensão do quando, onde e como acontece. Seria possibilitar aos alunos, crianças e adolescentes, membros de uma família, assimilarem os conhecimentos que vão adquirindo em seus contextos culturais, reunindo-os, religando-os em novas bases de saber.

Um saber só vai ser efetivado a partir do momento que a criança situá-lo em um contexto. Para a família, além do papel do apoio e acompanhamento, a família tem o dever de ser uma complementação da escola, respeitando as individualidades da criança.

Como nos diz Barone (1993, p.27) “Penso que a aprendizagem da leitura e da escrita coloca à criança questões muito particulares a respeito de seu lugar no mundo.” E quando essas crianças com dificuldades de se encontrar em casa ou na própria escola, tradicionalmente, o motivo que se dá a essa dificuldade são as habilidades perceptivo-motoras, linguísticas e cognitivas, sem ter um olhar para o que a criança esta passando realmente.

Green (1998, apud GOSSLER, 2003) ao abordar a organização psíquica da criança, enfatiza a influência da sua relação com seus pais. Se a relação for boa, a criança vai conseguir aprender sobre si e construir sua subjetividade, do contrário, rompe-se o equilíbrio e acontece a formação do sintoma.

O autor nos remete a uma realidade do nosso século, hoje existem muitas famílias formadas de maneiras não convencionais, ou então, casos de pais que se separam, e as crianças sofrem tanto dentro de casa como na escola, fazendo com que seu aprendizado seja deixado de lado. A criança para aprender, ela precisa primeiro conhecer quem é, de onde veio, e se situar no mundo. E é na família que ela conhece suas habilidades, qualidades e defeitos.

Segundo Barone (1993, p. 89):

Ler é muito mais que decodificar uma escrita, ou mesmo, é mais que descobrir e reconstruir o sistema de representação da linguagem. Ler é engendrar sentido. A capacidade de ler, ou melhor, a aquisição da leitura e da escrita traz uma ruptura radical do homem com o mundo.

Ou seja, a autora nos remete ao fato da criança precisar encontrar o sentido no que faz, no aprender, para que assim possa efetuar o aprendizado. E aqui está umas das dificuldades mais encontradas nas salas de aula, a leitura e a escrita.

Segundo Eigner (1997), a família transmite as expectativas, os princípios, os modos, as crenças, mas também é um lugar onde as coisas se misturam. Um lugar para se decidir e agir. A família é um lugar de invenção e criação.

Uma criança sem expectativas, princípios, “modos”, não consegue conhecer a si próprio, fica sem história, sem diálogo, sem sentido. Não encontra sentido em ir para a escola, em estudar, e em ter um futuro. Assim, definimos o quanto importante é o papel da família na educação. É um vínculo que traz o passado, o presente e o futuro de todos nós. É a base que fortalece uma vida inteira.

Fernández (1991) nos fala da família e aprendizagem, dizendo como acontece o diagnóstico de uma criança com dificuldades de aprendizagem, estudando e observando a família dela. A participação da família no diagnóstico se mostrou ter bastante utilidade, pois esclarece o problema em menos tempo e com maior profundidade.

Fernández (1991) nos fala da existência de “famílias-problema de

aprendizagem”, que se diferenciam de outras famílias com um membro com problemas de aprendizagem. Sobretudo, o profissional da psicopedagogia, fonoaudiólogo, etc., não pode considerar a família como paciente, e também, o paciente com dificuldades de aprendizagem não deve ser recebido somente porque a família, a escola ou o médico o diagnosticaram com o sintoma.

Segundo Fernández (1991) o olhar através da família leva em conta três níveis: Individual, vincular e dinâmico. O nível individual centra-se no paciente, em sua relação consigo mesmo, com o mundo, e sua inter relação organismo-corpo-inteligência-desejo.

Segundo Fernández (1991) o nível vincular, que observa a circulação do conhecimento e da informação entre os membros da família, aqui se verifica quem toma as decisões em casa, em relação ao trabalho, e em relação as crianças e a escola. As possíveis qualificações e desqualificações. Observam-se as mensagens verbais e não verbais, e como elas acontecem, a atitude de um membro da família com o outro etc. E o nível dinâmico que está destinado a esclarecer o sistema de papéis necessários para o funcionamento e manutenção da estrutura familiar e os modelos de interação possíveis. Se o ambiente em que o paciente se encontra permite o castigo, a proibição, ou se o estimula. E principalmente, se permite a autonomia da criança, pois sabemos que muitos pais e mães estimulam a criança a falar sempre “errado” por achar bonitinho. Esse nível pode ser trabalhado apenas com um membro da família, pois serve para ver quem tem o domínio nas relações, a maneira de começar a separar o aglutinado.

Segundo Fernández (1991, p. 96):

As famílias queixam-se com frequência de que o paciente é a causa de desequilíbrio e conflitos familiares. Supor que o grupo familiar é o causador da enfermidade da criança implica aplicar o mesmo raciocínio ao inverso. Muitas vezes, aqueles que usam o esquema sistêmico caem neste erro. Também se pode cometer um erro metodológico similar ao supor o fator social, econômico ou educativo como única causa.

Então, para diagnosticar um problema de aprendizagem, devemos observar a família unida, os membros que a constituem sozinhos, e o paciente com a família e sem a família. E nunca considerar um fator como único influenciador na causa do problema, deve-se considerar todas as possibilidades para, assim, não aconteça erro na metodologia usada com a criança para ajudá-la em suas

dificuldades. O diagnóstico correto é tão importante nesses casos de dificuldade de aprendizagem quanto o diagnóstico prematuro de uma doença irrevogável.

Freud (apud FERNÁNDEZ, 1991), nos proporciona um modelo para compreender o lugar da família no problema de aprendizagem. Ele nos diz que, a combinação de fatores congênitos, hereditários, junto com as experiências infantis no ambiente familiar ou social, constituem a chamada série da disposição, a qual, por influência dos motivos atuais ou desencadeantes, determina o surgimento da enfermidade mental. Ou seja, o bloqueio que a criança cria quando está na escola, e não consegue entender, e efetivar esse conhecimento, que não faz sentido para ela.

Os quatro níveis que a criança tem para efetuar o processo de ensino aprendizagem com sucesso (orgânico, corporal, intelectual, desejante), tanto na construção como na dinâmica de cada um deles, a família influencia e determina o quão boa será a funcionalidade de cada um deles.

Segundo Fernández (1991, p. 97):

As famílias cujo sistema se baseia na indiferenciação, torna-se difícil aceitar que pensar diferente não quer dizer rechaçar o outro; que pode haver pontos de vista diferentes sobre uma experiência em comum, sem que isso signifique que um seja bom e outro seja mau; que é possível e necessário que os membros de uma família ou de um casal vivenciem uma mesma cena e, não o bastante, a relatem diferentemente, conforme a tenham sentido, sem que isso implique que um relato seja verdadeiro e o outro mentiroso.

Aqui a autora nos cita a diferença do olhar, como citado nessa pesquisa, duas pessoas da mesma família, criadas com uma mesma cultura, recebendo a mesma educação de seus pais, amor e afeto, podem se tornar pessoas completamente diferentes, com personalidades divergentes, e que em determinadas situações entrem em conflitos por expor diferentes idéias a respeito de um assunto, mas isso não quer dizer que um esteja errado e o outro certo.

Segundo Fernández (1991, p. 100): “Atribuir a uma pessoa um lugar dentro de um grupo familiar, a induz a desempenhar este papel.” Assim, se mostra e se ensina o que a pessoa deve ser, que papel atuar, quando lhe é passado o papel de “o que não aprende” vindo da própria família, o mandato tem grande possibilidade de ser eficaz.

Um exemplo que Fernández nos traz (1991, p. 100):

Um pai nos diz em uma entrevista familiar: “Ele não tem boa cabeça, pobrezinho, é igual a mim”. Outra mãe, quando traz seu filho sorridente à consulta, diz: “Vai chorar, porque quer que eu fique”. Essas palavras foram suficientes para que a criança começasse a chorar.

Quando lemos essas entrevistas, ao mesmo tempo remetemo-nos aos problemas psíquicos que a maioria das crianças sofrem. Essas atitudes dos pais as tornam sem estima nenhuma, sem vontade de aprender, pois são rotuladas em casa, o que fazer na escola então?

Dolfo (1999, apud GOSSLER, 2003, p. 92), “tudo é linguagem, a linguagem é o que há de mais germinativo, mais fecundante, no coração, e na simbólica do ser humano”. O que pais e mães, irmãos e parentes próximos a uma criança à fala, citando características suas ou de seus familiares, a criança interpreta como sendo dela realmente. Assim, se a chamar de “coitadinho” “não consegue aprender” aí mesmo que a criança não aprenderá de forma alguma. Nesses casos, os profissionais não só terão que fazer um trabalho com a criança e a escola, mas também, com os membros da família, pois a mesma tem grande influência na educação e na formação desse ser.

Aqui citamos também, um dos grandes problemas enfrentados pela escola, que é a de fazer a família participar da educação de seus filhos. Nos dias atuais, pais e mães trabalham direto, sem tempo para passar na escola para conversar com os professores, e quando chegam em casa exaustos, não querem ter que conversar e nem ajudar seus filhos com a lição de casa. Essa é uma realidade que confrontamos no dia -a- dia que está vinculada na formação da família na sociedade atual.

4 ENSINANTES E APRENDENTES: QUEM TEM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM?

Nessa pesquisa o foco principal foram as dificuldades de aprendizagens recorrentes em sala de aula. Mas para chegar às dificuldades de aprendizagens precisamos saber sobre o processo de ensino e aprendizagem que permeiam o conhecimento.

Fernández em uma de suas obras nos cita um poema interessante sobre a dádiva que é Aprender de Carmo e Souza (2000, apud FERNANDÉZ, 2001, p. 51):

Aprendência

Fazer-se um ser aprendente é estar vivo e aberto ao mundo, nele intervindo a vontade pela confiança exuberante de conhecer o que se oculta e aguarda revelação.

Fazer-se um ser aprendente é, pelos desafios, reconquistar valores, os bem expropriados de muitos pela voracidade de poucos.

Fazer-se um ser aprendente é transviver do que se aprende, sustentar-se de seus frutos, nomear-se como identidade pessoal na construção do próprio sonho, e universal em suas partições com os sonhos dos outros. Fazer-se um ser aprendente é unir a cigarra e a formiga dentro do homem, cantar enquanto se constrói a casa do conhecimento, cimentar-se a realidade com a argila do sonho.

Fazer-se um ser aprendente é aprender a aprender a desalienar-se e desumilhar-se.

[...]

Precisamos aprender a aprender, aprender com o outro, com o meio e com nós mesmos. E precisamos desejar aprender, isso é fundamental no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Fernández (2001), em pesquisas feitas na Argentina, constatou-se que muitas crianças consideradas “deficientes mentais” e com fracasso escolar, não apresentavam nenhuma deficiência neurológica, anatômica, etc, e que conversando com os professores para mudarem sua metodologia, esses alunos considerados fracassados conseguiram aprender. Para isso os professores deveriam fazer dois trabalhos, o primeiro em relação a sua prática, estudando eles mesmos, para recuperar seu próprio prazer de aprender e modificar sua metodologia. E o segundo em relação ao seu aluno, para olhar para eles e ver sujeitos pensantes, capazes de aprender, e não alunos que estão fracassados,

incapazes de se desenvolver intelectualmente.

Essa pesquisa de Fernández nos mostra que a dificuldade vem principalmente da situação educativa. E quando o problema não é com a escola, nem o professor, a origem da dificuldade vem da relação do aluno com sua família, sua comunidade.

Fernández (2001, p. 53) quando se refere a “ensinante” e “aprendente” não se refere especificamente em professor e aluno. Pois tanto um quanto o outro executam os dois papéis, como nos cita Freire (1997, p. 25) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Mas não é sempre que isso acontece, infelizmente existem professores fingindo ensinar e alunos fingindo aprender. Difícil achar turmas nos dias de hoje que deixem seus professores preocupados e desafiados com as quantas perguntas que eles terão que responder. O que costumamos ver são professoras discutindo o assunto consigo mesmo a aula toda, e os alunos ali, às vezes sem entender nada, e sem coragem de perguntar e passar por “burro”.

Segundo Fernández (2001, p. 55):

O conceito de sujeito aprendente constrói-se a partir de sua relação com o conceito de sujeito ensinante, já que são duas posições subjetivas, presentes em uma mesma pessoa, em um mesmo momento. Além disso, o aprender acontece a partir dessa simultaneidade. Até poderia dizer que, para realizar uma boa aprendizagem, é necessário conectar-se mais com o posicionamento ensinante do que com o aprendente. E, sem dúvida, ensina-se a partir do posicionamento aprendente.

Será que o aluno que está na sala de aula se vê como sujeito ensinante? O professor permite que esse aluno ensine? O professor faz atividades que estimule o estudo e o sentido do que se aprende e se transmite? Durante a análise das entrevistas surgiram novos questionamentos, que me impulsionaram a pesquisar, ainda, mais sobre o lugar do aprender e ensinar. O conceito de sujeito aprendente de Alicia Fernández é que para aprender precisamos ensinar, e para ensinar precisamos aprender.

E como a autora nos diz:

Sabemos que para aprender é necessário um ensinante e um aprendente que entrem em relação. Isto é algo indiscutível quando se fala de métodos de ensino e de processos de aprendizagem normal; não obstante, costuma-

se esquecê-lo quando se trata de fracasso de aprendizagem. Aqui pareceria, então, que só entra em jogo o aprendente que fracassa. Como se não se pudesse falar de ensinantes ou de vínculos que fracassam ou produzem sintomas. Por ensinantes entendo tanto o docente ou a instituição educativa, como o pai, a mãe, o amigo ou quem seja investido pelo aprendente e/ou pela cultura, para ensinar. (FERNÁNDEZ, 1991, p. 32).

Precisamos entender que quando um aluno fracassa em seu processo de aprendizagem, não só ele fracassa mais sim a metodologia que foi utilizada, a relação ensinante e aprendente. Automaticamente, compreendemos que o fracasso do aluno, envolve também o ensinante.

Como nos diz Sara Paín (apud FERNANDÉZ, 1991, p. 35):

Se no transcurso do diagnóstico ou do tratamento não conseguimos apaixonar-nos por essa vida, nem pensa-la como um drama onde se está jogando este tipo de coisas que a mitologia põe em um relevo especial, mas que estão todos os seres humanos, estaremos banalizando o sujeito. Não podemos curá-lo nem entendê-lo. Justamente a possibilidade de curá-lo, ou seja, de fazê-lo surgir como diferente, é facilitar seu trabalho de recriar-se como pessoa interessante. Que sinta que sua personalidade se diferencia das outras e tem um caminho próprio que é capaz de construir, que vislumbre uma possível escolha, certo grau de liberdade, ainda que seja no conhecimento.

Levantar a auto estima de um sujeito que se sente fracassado, e rejeitado é fazê-lo acreditar em si mesmo, em suas capacidades. Estaremos preparados para olhar nossos erros primeiramente do que os do próximo? E assim então, consertar, agindo de forma preventiva no processo de formação dos professores, e na formação continuada.

Quando falamos em aprender, falamos em autonomia, que para a psicopedagogia segundo Mendes (1994, p. 8) “a autonomia só é conseguida ou conquistada através de autoria, que por sua vez, para que ocorra, é necessário que o ensinante permita ao aprendente que ele aprenda”.

Essa permissão é essencial para a aprendizagem. Se o aprendente autoriza o ensinante, certamente aprenderá significativamente e o aprendizado trará a autonomia e a autoria, necessárias no processo de ensino aprendizagem.

Segundo Mendes (1994, p. 8):

O desenvolvimento de uma proposta pedagógica que estimule o pensamento crítico, a autoria, a cooperação, politizando o sujeito e permitindo que ele se prepare para ocupar o lugar que lhe compete, por

direito na sociedade, pode não ser uma preocupação dos nossos governantes.

A autora nos remete a uma realidade, o poder político que controla nosso país, nossas escolas, nossos professores. A escola reproduz a sociedade, o currículo é inflexível, há linearidade e fragmentação do conhecimento.

Para Gardin (1988, p. 8) “O sistema escolar se organiza segundo as linhas estruturais da sociedade em que se insere; não é o tipo de escola que produz um tipo de sociedade, mas o tipo de sociedade que produz um tipo de escola.” O que de fato deveria ser diferente, pois é papel social da escola socializar os conhecimentos construídos historicamente. Assim, se a escola tem como objetivo a criticidade, a autonomia, esses alunos irão formar uma sociedade crítica, e ativa. E no momento o que vimos são pessoas passivas, acomodadas com situações nada favoráveis.

Segundo Mendes (1994, p. 9):

Resgatar o desejo de aprender de alunos e alunas, professores e professoras, em um jogo de troca de lugares em quem ensina e de quem aprende, sem que esses elementos se percam de seu lugar de referência, é uma das possibilidades de humanização da escola, pois é o desejo que nos marca como seres humanos. Sempre aprende-se algo, com alguém, que nunca terá vivências idênticas as nossas.

O conhecimento nunca pode ser escondido por aquele que julga ser dono do saber, e resgatando esse desejo de sempre aprender, não só do aluno, mas do professor também, a escola se tornará uma instituição de pura troca, onde todos ensinam e aprendem. Os professores se permitindo aprender com seus alunos, ensinantes e aprendentes fazendo descobertas sobre si e sobre o mundo, para ambos viverem bem numa mesma sociedade.

De acordo com Mendes (1994, p. 15):

A psicopedagogia preocupa-se com o sujeito pensante-desejante e é sua função desafiar a história oficial, buscando o saber real através do desejo de conhecer, sem ignorar o conhecer do desejo, de modo que tanto aquele que aprende, quanto aquele que ensina consigam resignificar a culpa por autorizar-se em questionar o poder.

O sujeito para conhecer precisa desejar, e além de tudo precisa pesquisar o saber que lhe é entregue pronto, ou seja, tanto o professor quanto o aluno precisam ter essa característica, a de sujeito pesquisador. Que não se conforma com uma verdade dita, e vai atrás para descobrir se o que lhe foi dito é realmente verdade. Assim, cada vez mais esse sujeito vai ter desejo em conhecer o novo.

Segundo Mendes (1994) os mitos de ensinante e aprendentes se localizam no nosso inconsciente, tanto do aluno como do professor. Nem todo aquele que ensina é o professor, mas sabemos que todo professor é ensinante. O fato de todos na sociedade terem um papel para executar, compromete a idéia de que o aluno só aprende, e o professor só ensina.

Mendes (1994, p. 16):

Uma das dificuldades de quem ensina pode ser encontrar alguém que não pode aprender, por sua leitura de mundo ser tão doída e sofrida, que se deixar penetrar pelo conhecimento para adquirir o saber torna-se ameaçador, podendo fazer surgir o fantasma da possibilidade de perder o pouco que tem. O possível desejo de conhecer imobiliza o sujeito à medida em que ocupa o lugar do impossível, surgindo a dificuldade de aprendizagem [...].

A autora nos fala de uma realidade, o comodismo, quando nos deparamos com um conhecimento que vai fazer mudar nossa rotina, nosso pensamento e até mesmo nossas idéias, sofremos um bloqueio em pensar que vamos perder o que temos e que estamos acostumados a usar no dia-a-dia, sendo assim, ocorre o bloqueio na aprendizagem, e uma dificuldade em quem está no papel de ensinar. E quando falo da palavra comodismo, não me refiro apenas aos alunos que não querem aprender algo novo, mas também, aos professores, que mesmo sabendo que seus alunos estão com dificuldades em aprender com sua metodologia, não vão atrás de mudanças e novas metodologias para ajudá-los no processo ensino-aprendizagem. Pergunta-se então: Quem tem dificuldades de aprendizagens? Os professores ou os alunos?

Mendes (1994, p. 17):

Os professores e professoras encontram dificuldades por não saberem lidar com os alunos que vão à escola, mas não conseguem aprender e dizem que 'ele não aprende porque não quer', 'não aprende porque é preguiçoso', 'não aprende porque é repetente e não acha mais graça em nada'. E, às vezes, ocorre um movimento interno desse ensinante, que imobilizado

frente ao que não sabe lidar com suas palavras, também colabora para que essa aprendizagem não ocorra, transformando em mandato impedor o seu próprio desejo.

As crianças vão para a escola para aprender, a maioria quer aprender, mais existem que não vêem sentido em ir para a escola e estudar. Se o professor ignorar essa possibilidade quando fizer a análise da dificuldade do aluno, pode estar comprometendo mais ainda a aprendizagem desse aluno. E desse jeito podemos ver a história real da educação nos dias atuais.

Segundo Mendes (1994), muitas professoras, ainda, tem dificuldades em falar de sua metodologia, é difícil para elas largarem o método que lhes foi ensinado e aprender métodos completamente novos que exigem muito delas. E para elas se o aluno não aprende, é porque ele não consegue, não quer. Mas como nos diz Hickel (1991, apud MENDES, 1994, p. 23) “A inteligência é um processo e não um dom: fica-se inteligente porque se aprende”. Ou seja, todos têm a mesma capacidade de aprender, então porque tantas dificuldades?

Mendes (1994, p. 23) nos fala de uma experiência que obteve em uma escola, onde as professoras das classes especiais começaram a se reunir todos os dias, para analisarem seus alunos e trocaram experiências, e ela nos conta do Jogo Dramático, as professoras tinham que se colocar no lugar de seus alunos, e o resultado do jogo foi: “A possibilidade de colocar-se no lugar do outro (aluno), permitiu às professoras começarem a realizar uma leitura diferente de seu próprio desempenho pedagógico”.

Segundo Mendes (1994, p. 24) “A criança que não é olhada não pode sentir o desejo de aprender, porque não sente o desejo do professor em ensinar”. Para a criança ter desejo em aprender, ela precisa sentir que o professor tem desejo em ensinar. Como pode ensinar um aluno a ler, se o professor não gosta de ler? Como pode ensinar um aluno a escrever, se o professor não gosta de escrever? A mesma situação acontece com a matemática e demais estudos.

Mendes (1994) em seu trabalho nas escolas nos conta sobre a fala de uma professora “Faz vinte e dois anos que alfabetizo do mesmo jeito, com o mesmo método e se deu certo até agora eu não vou mudar. Eu acredito em minha competência.” (1994, p. 34). Será que em vinte e dois anos, todos os alunos que passaram por essa professora aprenderam a ler e a escrever, e principalmente, saíram da sala de aula letrados? Ir para a sala de aula, todos os dias com a mesma

aula pronta, será que essa professora desejava aprender com seus alunos?

Acredito que os entraves na educação atual tem vários indicadores. Pois para uma educação ser bem sucedida, precisamos de vários membros da sociedade trabalhando com desejo de ensinar, de mudar, de fazer acontecer. Não depende só do professor, mas da instituição que forma esse professor, dependemos também do governo, e de como a sociedade esta constituída, e quais suas características. Dependemos da escola, que precisa ser crítica em relação a realidade em que vivemos. Enfim, entre todos surge a Psicopedagogia, que segundo Mendes (1994, p. 35):

Cabe a psicopedagogia auxiliar na resignificação da identidade da instituição escolar, em uma ação que possibilite-a enxergar sua realidade e seus mitos, substituindo o escudo que nada mostra ou reflete – só esconde – pelo espelho que reflete e mostra a imagem mais próxima da realidade, permitindo-se através desse olhar para o outro, identificar-se, desidentificar-se, resignificar-se e ser capaz de formar parte de seu destino pessoal em uma produção de sentido para si e para a sociedade, formando alunos tão críticos quanto ela, que poderá ocupar uma nova postura, construída a partir da falta percebida: do conhecer do desejo que desvenda o desejo de conhecer escondido pelo 'mito de ter que ser a dona do saber'.

A partir dos problemas que surgem, soluções terão que surgir também, e como vimos no primeiro capítulo, a psicopedagogia surgiu a partir de uma necessidade, e talvez seja essa a verdadeira razão, o fato de o desejo de ensinar e aprender estar tão adormecido ao ponto de chegarmos a ficar alienados a uma rotina e a acomodação. Mendes (1994) com seu trabalho psicopedagógico com professoras das turmas de classes especiais nos mostrou o quanto é importante essa busca pelo sentimento do outro, e que esse trabalho traz resultados muito significativos para a educação.

Segundo Gadotti (2003) o professor deve saber que para um aluno aprender ele precisa fazer uma relação entre os conhecimentos construídos no passado, com os conhecimentos que serão construídos no presente, pois fazendo essa relação, o aluno verá sentido no que está aprendendo, e aceitará essa nova aprendizagem, pois o aluno só aprende quando quer aprender, e só quer aprender quando vê na aprendizagem algum sentido.

Como nos diz Gadotti:

Nós, seres humanos, não só somos seres inacabados e incompletos como temos consciência disso. Por isso, precisamos aprender “com”. Aprendemos “com” porque precisamos do outro, fazemo-nos na relação com o outro, mediados pelo mundo, pela realidade em que vivemos. (GADOTTI, 2003, p. 47).

Nascemos e precisamos de alguém para alimentar-nos, cuidar-nos e nos proteger, do contrário não sobrevivemos. E logo precisaremos do outro para aprender a viver nesse mundo. É com o outro que se aprende, e desejamos saber de tudo que nos rodeia, pois é a partir desse aprendizado que vamos conseguir nos adaptar a vida, a cultura e sociedade em que nascemos. Quando o aprendizado não é colocado em prática, não faz sentido, esquecemos. Pois para Gadotti (2003, p. 48) “Guardar coisa inútil é burrice”.

Não é a toa que em nossa formação estudamos tanto a metodologia de trabalhar com o cotidiano do aluno. Trazendo a matemática de sua vida para a sala de aula, dando sentido ao cálculo e ao problema em questão. Aprendizado esse que não será esquecido pelo aluno, pois ao chegar em casa, ou ao ir ao mercado para sua mãe, colocará em prática aquilo que aprendeu na escola. O mesmo acontece com os professores recém formados. Saem da faculdade cheios de sonhos e planos para seus alunos, chegam na instituição que impõe métodos e meios para ensinar, que na maioria das vezes, será de um jeito muito mais fácil, que não precisará de muita dedicação. E esquecem que ser professor é ter dedicação. Dedicação essa que significa ensinar e aprender com seus alunos, escutá-los e buscar novos métodos sempre que os seus não funcionarem, é aceitar seus erros, e principalmente, os dos seus alunos. E o mais importante, acreditar que na educação não pode existir fracassos total.

Precisamos de uma relação saudável entre professor e aluno, relação essa que está tão difícil nos dias atuais. Cada vez mais surgem dificuldades em se efetivar um conhecimento. Basta a nós repensar nossos papéis no processo, e aceitar que o outro tem o direito de desejar conhecer e reconhecer, em questionar conhecimentos que vêm prontos, assim formaremos uma sociedade de aprendentes e ensinantes com dificuldades superadas.

Para sabermos quem em certa situação esta com dificuldades de aprendizagens, precisamos analisar todos os fatores que contribuem ou impedem a aprendizagem. Mas como vimos, tanto professores como alunos e a instituição, podem ter dificuldades em aprender.

5 METODOLOGIA

A linha de pesquisa a qual este estudo foi vinculado é a Teoria e Prática Pedagógica, que busca refletir e problematizar as teorias e práticas pedagógicas vivenciadas no contexto educativo. O eixo temático foi o processo de ensino aprendizagem, que discute as relações entre o ensino e aprendizagem, produzidas nas escolas e ambientes equivalentes.

Esta pesquisa foi desenvolvida dentro de uma abordagem qualitativa, pois nessa abordagem o conhecimento não se restringe apenas à uma fonte, ligada apenas a teoria, nela o sujeito observador é parte do processo, ele não é neutro, pois tem significados e relações com a pesquisa na prática e na teoria.

O estudo em questão se caracteriza como sendo de campo, pois fornece elementos que nos permitem compreendê-la e, então, transformá-la. Dando informações que nos levam a criar e desenvolver conhecimentos a partir da prática e impedem que inventemos explicações ou suposições irreais. O conhecimento que a pesquisa de campo nos dá, é produzido mediante ao processo interativo de diálogo e questionamento da realidade.

Foram utilizados estudos bibliográficos, como a fundamentação teórica, para aprofundamento ainda maior do estudo a ser tratado. Como instrumento de pesquisa foi utilizada a entrevista semi-estruturada, que é uma comunicação bilateral e significa o “ato de perceber realizado entre duas pessoas” (RICHARDSON et al., 1985).

A entrevista semi-estruturada dá acesso à informações mais significativas durante a entrevista, mas isso exige do entrevistador atenção, respeito, ética e cuidado especial. Para isso, segundo Chizzotti (1991, p. 93),

[...] o entrevistador deve manter-se na escuta ativa e com a atenção receptiva a todas as informações prestadas, intervindo com discretas interrogações de conteúdo ou com sugestões que estimulem a expressão mais circunstanciada de questões que interessem à pesquisa. A atitude disponível à comunicação, a confiança manifesta nas formas e escolhas de um diálogo descontraído devem deixar o informante inteiramente livre para exprimir-se sem receios, falar sem constrangimentos sobre seus atos e atitudes, interpretando-os no contexto em que ocorrem.

O motivo de ter escolhido a entrevista semi-estruturada, foi para aprofundarmos o estudo, organizamos um roteiro de perguntas as quais no decorrer da pesquisa acordamos com o desenvolvimento da entrevista, alterar a ordem das perguntas e inclusive formular questões não previstas inicialmente, para quatro professoras das séries/anos do ensino fundamental (Apêndice). A entrevista semi estruturada trouxe dados muito importantes para a pesquisa, pois durante a entrevista as professoras falaram bastante sobre suas experiências antes, durante e depois da entrevista. Houve um certo nervosismo da parte delas, e de minha parte também, mas elas se mostraram confiantes nas respostas, e forneceram dados muito importantes para a análise. A entrevista foi gravada, e transcrita para a análise.

A pesquisa foi realizada no município de Sombrio no Estado de Santa Catarina, com duas professoras de uma escola pública, e duas professoras de uma escola particular, com o objetivo de verificar se nas duas instituições havia acesso aos profissionais necessários para se tratar as dificuldades de aprendizagem, e se as professoras de ambas as instituições conheciam os estudos desses profissionais.

No dia 10 de Abril de 2010 foram entrevistadas duas professoras, sendo que, a P1m (Professora 1 municipal) leciona na Oficina Pedagógica da escola, especificamente com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, da 1ª série/ano à 4ª série/5ºano do Ensino Fundamental no período Matutino e Vespertino. No início dessa pesquisa a intenção era entrevistar apenas professoras das salas de aula das séries/anos iniciais, mas ao conhecer essa professora que trabalhava diretamente com as dificuldades de aprendizagem, consideramos interessante fazer a entrevista com ela, até porque trabalha com alunos das séries iniciais que é o objetivo dessa pesquisa.

Posteriormente entrevistou-se P2m (Professora 2 municipal) que atua na 2ª série/ 3º ano do período Matutino.

No dia 20 de Abril de 2010 foram entrevistadas duas professoras da escola particular, sendo que, a P1p (Professora 1 particular) leciona na 3ª série/ 4ºano do ensino fundamental do período matutino. Posteriormente entrevistou-se P2p (Professora 2 particular) que atua na 4ª série/ 5ºano do período matutino.

As entrevistadas serão identificadas nessa pesquisa como:

P1m – Professora 1 da Escola Municipal

P2m – Professora 2 da Escola Municipal

P1p – Professora 1 Particular

P2p – Professora 2 Particular

Os dados coletados com a entrevista foram analisados a luz do referencial teórico estudado, sendo apresentados a seguir.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir das entrevistas semi estruturadas realizada com as quatro professoras do ensino fundamental das séries/anos iniciais, foi desenvolvida a análise baseada nas questões que nortearam a pesquisa, divididas em tópicos, aos quais apresentamos a seguir.

6.1 A fala das professoras sobre as dificuldades de aprendizagens recorrentes na sala de aula.

Nas entrevistas feitas para essa pesquisa, podemos verificar que as dificuldades recorrentes na sala de aula foram a leitura e a escrita. Sendo assim, acho necessária uma fundamentação mais profunda na alfabetização. Que sempre foi e ainda é um problema do povo brasileiro, como sabe-se nos dados do Inep (2002), que estima que 40% dos estudantes estão tendo dificuldades de aprendizagem, envolvendo o domínio da leitura e da escrita.

Nas entrevistas, as professoras acentuaram as dificuldades referentes a leitura e escrita:

P1p: Olha em sala de aula, o que mais acontece, com certeza é o português, né é a linguagem tanto falada quanto escrita, a leitura. [...]

P2p: Assim, eu, na minha experiência, e no meu período de trabalho, tenho visto assim, que o que mais a gente encontra é a dificuldade na leitura, na escrita, principalmente na escrita, porque a nossa gramática é muito complicada né, pra gente adulto já é complicado, então a criança as vezes tem bastante dificuldade na gramática, mais assim, resumindo é a leitura e a escrita.

P1m: A maioria vem relacionada a questão da leitura e da escrita, né, conseqüentemente se a criança não lê ela também não escreve. Ela tem problemas nisso, então eu percebo muito é leitura e posteriormente a escrita. Geralmente, a criança que se alfabetiza cedo, ela desde cedo já domina esse conhecimento de ler e interpretar, ela se desenvolve rápido, ela toca pra frente. [...]

P2m: É a aquisição da leitura e da escrita, a apropriação né, a escrita ainda muito mais difícil que a leitura. [...]

É importante lembrar que todas as professoras entrevistadas tinham de 10 a 20 anos de experiência com as séries/anos iniciais, ou seja, não eram recém

formadas. Segundo P1m a criança que se alfabetiza cedo, tem mais facilidade em aprender as outras matérias, pois por meio da leitura e da escrita ela desenvolve raciocínio, interpretação, e principalmente a criticidade. E acompanhando, ainda, a fala das professoras, crianças que em sua casa, e na própria escola tem contato com textos, letras, e vivem com pessoas que fazem o uso da escrita e leitura, vêem sentido e aprendem com significado.

Segundo Zorzi (2003,) crianças que desde pequenas crescerem habituadas a textos escritos, e com pessoas que lêem e escrevem, farão a descoberta da escrita e leitura de forma simples, e compreenderão melhor a função da alfabetização, dando sentido ao aprendizado que irão passar. Por outro lado, crianças que não tiveram essas oportunidades, sem contato com textos e livros, poderão não apresentar o mesmo interesse em aprender a ler e a escrever. Pois não terá sentido, será uma obrigação aprender, pois na sua vida, e no seu dia-a-dia, ela não fará uso da escrita e leitura. Uma professora em uma de suas falas nos diz:

P1p: [...] Os pais não tem o hábito das crianças lerem livros, infelizmente né, a nossa cultura é assim, eles não tem o hábito de incentivar a leitura, é mais internet que leitura, televisão, vídeo game, que é mais fácil apertar botão né do que pegar um livro. [...]

E como nos cita Fernández (2001, p. 63):

[...] todos podemos perceber que, hoje em dia, uma criança que deseja discutir com seus pais utiliza como argumento de autoridade a seguinte frase: 'Eu o vi na televisão'. essas frases vem situar-se no lugar que, anos atrás, ocupava o argumento irrefutável 'A professora me disse'.

A criança se prende na televisão, nos computadores e nos vídeos games. Se a criança desde pequena tiver livros de seu interesse, ou até revistas com figuras, pais que costumam ler jornais e livros, ela vai fazer da leitura um hábito, assim como faz com a televisão e outros eletro-eletrônicos. Mas é dever do professor nos dias de hoje, com todas as tecnologias que surgem, se atualizar e fazer com que essas tecnologias ao invés de ser um péssimo hábito, utilizá-lo a seu favor, para educação, trazendo jogos educacionais e divertidos, trazer informações úteis ao conteúdo escolar, não apenas colocar a culpa na tecnologia, mas estudar ela e utilizá-la da melhor forma.

Zorzi (2003) nos fala das crianças que adaptadas a leitura e a escrita, tem mais facilidade em se alfabetizar. Então a escola e o professor têm a obrigação de fazer desse leitor e escritor um sujeito que lê o mundo, o interpreta, e o modifica, com suas próprias atitudes, fazendo uso efetivo da leitura e da escrita.

Para Zorzi (2003) as crianças que cresceram em ambientes favoráveis, e mesmo assim, não conseguem construir conhecimentos significativos. Como em uma mesma família, um filho aprende a ler e a escrever facilmente, fazendo uso dessa aquisição, e o irmão não mostra interesse, isso nos leva a crer que, nem sempre a oportunidade garante a aprendizagem, fazendo com que a escola e o professor tenha outra função, a de leva-lo a motivar-se.

Formamos assim, um perfil de crianças brasileiras que não conseguem aprender a ler e a escrever, que é a dificuldade mais encontrada pelas professoras entrevistadas para essa pesquisa. A questão é que para essas crianças como nos diz Zorzi (2003, p. 164) “[...] o grande problema não é a falta de capacidade para aprender, mas sim a ausência de oportunidades para se tornarem um aprendiz”.

Segundo Zorzi (2003, p. 165) “Não se questionam os métodos, mas sim os aprendizes. Continua prevalecendo a crença de quem não aprende tem algum tipo de problema.” E como sabemos, a alfabetização nos últimos anos mudou significativamente, hoje nos cursos de Pedagogia estudamos métodos novos de alfabetizar uma criança com sentido, para que ela seja uma criança alfabetizada e, principalmente, letrada.

Segundo Barone (1993, p. 27):

Penso que a aprendizagem da leitura e da escrita coloca a criança questões muito particulares a respeito de seu lugar no mundo. Porém, tradicionalmente, a questão da alfabetização e de suas dificuldades vem sendo tratada quase que exclusivamente dentro de paradigmas teóricos que tratam dos aspectos das habilidades perceptivo-motoras, lingüísticos e cognitivos, como se estas abordagens, necessárias, fossem suficientes para dar conta de fenômeno tão complexo.

Mesmo a criança tendo todas as condições favoráveis para aprender facilmente a ler e a escrever, não é o bastante. Deve-se levar em conta os métodos utilizados pelo professor, seu desejo em ensinar, e a demonstração desse desejo pela leitura e a escrita, como vimos no capítulo anterior.

6.2 Procedimentos metodológicos utilizados pelas professoras em relação aos alunos com dificuldades de aprendizagem.

Atualmente, como constatamos nas entrevistas, nas escolas, tanto na rede pública, quanto na privada, o professor encontra vários recursos para encaminhar alunos que estão com dificuldades em aprender. Quando cheguei à escola municipal do município de Sombrio, fui apresentada às professoras que trabalham com as séries/anos iniciais, e conheci uma que não trabalhava com a sala de aula e sim, na Oficina Pedagógica, que tem como objetivo trabalhar apenas com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagens independente da série que está. Conversando com ela após a entrevista, ela me contou como é importante a Oficina:

P1m: [...] De repente essa hoje pode ser uma das maiores dificuldades do aluno, porque nós, os professores do reforço a gente é beneficiado porque a gente tem um tempo maior, nós temos menos alunos né, e o professor de sala de aula ele tem muito aluno, então não dá pra fazer o que a gente faz, o trabalho individualizado, aquele trabalho que a criança produz junto com a gente, então pro professor da sala de aula isso é mais complicado.

A professora por mais que seja dedicada a sua turma, nem sempre tem tempo para se dedicar aquele aluno que tem realmente uma dificuldade. E a professora P1m, me contou que todas as escolas municipais de Sombrio, possuem a Oficina Pedagógica, e que segundo ela, traz resultados significativos para a criança, pois a professora da Oficina, e a professora da sala, fazem um trabalho conjunto com a criança, trabalhando a dificuldade específica no turno oposto ao da aula, como por exemplo, a leitura ou a escrita, fazendo com que assim, a criança na sala de aula renda mais que antes, e que acompanhe a turma nas atividades.

Além da Oficina Pedagógica, a escola municipal tem como recursos, a Psicóloga, o fonoaudiólogo e assistência médica, mas nas respostas a pergunta: Além dos procedimentos da sala de aula, que outros encaminhamentos podem contribuir nesse processo? Elas não mencionaram a Psicopedagoga, só após eu perguntar se elas tinham acesso a esse profissional, fizeram a menção:

P1m: Temos, nós temos a Fono né, que é encaminhado, o Neuro, todos os recursos, psicóloga, têm uma psicóloga que nos atende maravilhosamente bem aqui no Sombrio, nunca, nunca nos sentíamos desamparados, a gente tem um apoio muito grande.

Entrevistador: A psicopedagoga vocês têm acesso?

P1m: Temos, temos também, toda a equipe, e isso é muito bom.

Apesar de não terem mencionado a psicopedagoga, percebi pelas falas delas que quando encontram um aluno com dificuldades de aprendizagem, elas não transferem esse problema a direção e nem taxam esse aluno de “não aprende, não tem jeito” ou “o irmão dele já era assim”, o que achei muito importante, elas vêem esses alunos como alunos com potencial mas que por alguma razão, não conseguem aprender.

Na escola particular, todos os profissionais foram mencionados, e a psicopedagoga teve bastante ênfase.

P1p: A gente tem a psicóloga na escola, a coordenação que é a psicopedagoga. E a gente tá sempre conversando, sempre se atualizando a respeito disso, se acontece alguma coisa a gente tá sempre interagindo. Tanto escola, como a direção, secretaria, envolve tudo.

P2p: A psicopedagoga, aí é claro a gente faz um trabalho juntas né, elas vão lá no consultório dela, ela atende essas crianças, ela explica, depois ela vem aqui conosco, é conversado, a gente faz um trabalho junto. [...]

Dessa forma compreendemos que apesar da Psicopedagogia estar contribuindo significativamente para a solução das dificuldades de aprendizagem, algumas escolas e professores ainda não conhecem esse profissional, nem seus estudos, que são tão importantes para a formação de professores e para a prevenção das dificuldades de aprendizagem.

As entrevistas nos mostram, também, como está forte o conceito da interdisciplinaridade da Psicopedagogia, outros profissionais com suas ciências ajudam no tratamento das crianças com dificuldades. Importante o professor ter esse auxílio, como nos disseram as professoras, elas não se sentem sozinhas e desamparadas.

E como nos diz Zorzi (2003, p. 165):

As intervenções extra-escolares, de caráter predominantemente clínico, portanto, são cogitadas quando há alguma quebra no processo de ensino aprendizagem, acreditando-se que o ponto frágil, está situado em quem aprende. A perspectiva é que uma intervenção adequada possa resolver ou

minimizar problemas apresentados pela criança, de modo que a aprendizagem escolar possa ser, de alguma forma, garantida. Isto não deixa de ser verdade, para alguns. Porém se considerarmos a porcentagem de estudantes com reais dificuldades, estaremos falando de um número aproximado de 10 a 15%, o que pode representar cerca de 6 milhões de crianças e jovens no ensino fundamental. Se fizermos projeções com o número de estudantes considerados como tendo dificuldades para aprender (cerca de 40%), estaremos falando em um universo de aproximadamente 24 milhões de crianças. Impossível pensar em soluções que sigam modelos de intervenção clínica, sem envolver mudanças educacionais.

Por isso ser tão importante a Psicopedagogia trabalhar de forma preventiva, ou seja, com os professores, prevenindo assim a dificuldade de aprendizagem. Como nos diz Fernández (2001, p. 29):

Como o fracasso escolar é uma resposta reativa à situação escolar, a psicopedagogia precisa trabalhar com professoras e professores, educadoras e educadores. Embora eles também sofram e possam ser vítimas da iatrogenia da instituição, eles são, sem dúvida, a cara visível da escola para a criança.

Outra realidade, o professor que insiste em ensinar da mesma forma o resto de sua vida, criando barreiras em aprender métodos novos, e avaliar seu aluno, e a si mesmo, sua prática. Nas entrevistas quando perguntei: Que procedimentos você utiliza em sala de aula em relação ao aluno com dificuldade de aprendizagem? As professoras falaram em mudar suas metodologias, trabalhar individualmente, com diferentes materiais.

P1p: Fundamental que eu acho é trabalhar o cotidiano escolar, cotidiano tanto da casa do aluno, quanto da vida social dele fora da escola, quanto dentro da escola, isso é um conjunto, o dia-a-dia da criança, então é trazer a realidade do estado do país da cidade, do município onde mora, buscar o novo né, com o que já tem, né e em conjunto com o que já tem, montar elaborar, uma coisa melhor.

P2p: [...] Eu particularmente eu faço o trabalho diferenciado, porque não adianta tu querer fazer tudo igual porque não dá, e ai fica complicado, e as vezes até atrasa um pouco o conteúdo da gente, mais a gente tem que fazer o diferenciado, porque nem todo mundo aprende do mesmo jeito. [...]

P1m: O trabalho contextualizado, dando sentido ao que a criança esta aprendendo.

P2m: Modifico a metodologia, ensino individualmente, quantas vezes for necessário, aqui na escola a gente tem bastante opções, né, tem a oficina pedagógica, eu tenho uma segunda professora na minha sala, então, também ela me ajuda muito nesse sentido né, ela ajuda toda a turma também.

Percebemos diferentes respostas, P1p trabalha o cotidiano do aluno,

fazendo com que sua aprendizagem seja significativa, e que ele faça a relação com seu dia-a-dia. A professora P2p, trabalha diretamente com o aluno que apresenta dificuldade, traz trabalhos para ele individualmente, faz o atendimento a ele de modo diferenciado, trazendo atividades diferentes para poder fazer a avaliação de como o aluno aprende melhor. A professora P1m, que é a que trabalha com a Oficina Pedagógica, me explicou que trabalha com a contextualização, relacionando tudo ao cotidiano do aluno:

[...] A matemática ela é toda contextualizada, embora eu trabalhe a dificuldade do aluno na minha sala, eu gosto de trabalhar ela contextualizada. O que é? É trabalhar ela através do texto, não gosto de trabalhar a matemática solta, então eu percebo que, ainda é a maneira mais fácil de se trabalhar, e o aluno entender, mais o aluno que tem dificuldade na leitura, ele rende menos. Acho que tem que tá tudo muito bem amarrado, e tem que ter sentido pra ele, e ele tem que saber da onde vem, e outra coisa assim é tu não entregar o texto pronto, eu até entrego o texto pronto depois, mais eu gosto de construir o texto com eles né, eu tenho sempre o textinho que eu vou trabalhar com eles, pra eles visualizarem, então tem que tá sempre fazendo essa ponte, do que eles têm no caderno e do que eles estão visualizando.

A professora P2m, nos trouxe a modificação em sua metodologia, pois se o aluno não está aprendendo daquela forma, em primeiro lugar modifica a metodologia para poder avaliar onde está o problema, para poder ajudar. E referente a menção da segunda professora, ela tem uma aluna cadeirante na turma da tarde.

P2m: Sim, ela tem uma cadeirante, né, a tarde, mais mesmo assim né, a cadeirante, tem problema de saúde, então ela falta muito, e na falta dela ela me ajuda bastante. Então tá sempre eu e ela assim, ali, porque tu ensina lá na frente é uma coisa, agora quando passa pro concreto, pro que tem que fazer, tu tem que tá ali no meio deles, no lado deles, orientando, então, isso a gente faz, e eu considero assim bem importante.

P2m, na falta da aluna deficiente física, utiliza a segunda professora para trabalhar junto com ela, voltando a questão de que é difícil um só professor da conta de ensinar uma turma grande. Trabalhando com os alunos individualmente, dando a assistência que eles precisam.

Acreditamos que essas quatro professoras entrevistadas trabalham em prol do aluno, querendo que ele aprenda de forma significativa, comprometidas com o desenvolvimento intelectual deles e com sua metodologia. Se importando com o aluno, se ele está interessado na aula, não olhando apenas para seu erro mais sim

para suas metodologias e erros também, o que na educação é muito importante. O professor precisa ter esse papel de aprendente constante.

6.3 Contribuições da psicopedagogia nos atendimentos aos alunos com dificuldades de aprendizagem.

Vimos então que as escolas estão preparadas para ajudar esse aluno com dificuldades em aprender, e com o professor que tem dificuldades em ensinar, podendo encaminhar o aluno a outro profissional, e acompanhar seu desenvolvimento.

Como nos diz Fernández (2001, p. 35):

A psicopedagoga ou o psicopedagogo é alguém que convoca todos a refletirem sobre sua atividade, a reconhecerem-se como autores, a desfrutarem o que tem para dar. Alguém que ajuda o sujeito a descobrir que ele pensa, embora permaneça muito sepultado, no fundo de cada aluno e de cada professor. Alguém que permite ao professor ou a professora recordar-se de quando era menino ou menina. Alguém que permita a cada habitante da escola sentir a alegria de aprender para além das exigências de currículos e notas.

O profissional da psicopedagogia não chega a escola apenas com a função de diagnosticar o problema, e encaminhar esse aluno, mas também tem um papel importante que é de trabalhar com o professor, de modo preventivo, fazendo despertar nesse professor o desejo de aprender, para ensinar melhor. Deixando de lado as notas no papel, dando importância ao dia-a-dia na sala de aula, ao que o aluno demonstre o quanto está aprendendo com significado, e o quanto está feliz com isso.

O profissional da psicopedagogia, ao chegar na instituição, deve também se informar dos objetivos da escola e de sua concepção, interagindo com o PP da escola e os profissionais que nela trabalham. Além disso, o psicopedagogo deve deixar claro o seu papel social na escola, que é trabalhar da melhor forma para resolver as dificuldades de aprendizagem que os alunos encontram, e não qualquer problema que o professor encontrar na sala de aula, que o professor mesmo poderá resolver.

Nas entrevistas as respostas a pergunta: Você teve algum aluno, que teve

atendimento psicopedagógico? Se teve, percebeu contribuições significativas? As respostas foram todas positivas. Na escola particular onde foi bastante enfatizado o profissional da psicopedagogia:

P1p: Teve bastante melhoria, até porque, esse nosso aluno tem dificuldades especiais, então ajudo tanto ele como me ajudou em relação a esse novo mundo dele.

P2p: Acho, acho, assim eu conheço algumas crianças que foram feito atendimento não por essa nossa, mais por outras profissionais que não resolveu, não sei se houve alguma falha, mais conosco aqui foi bastante produtivo, e assim só que daí a professora tem que né, se envolve muito. Até por sinal nessa época um aluno nosso aqui, eu fui bastante elogiada, porque esse aluno ele teve um percentual muito muito bom, ele era muito lento, ele não lia direito, ele não entendia a matéria direito, então assim, eu fiquei muito em cima dele, mas também ele era muito amadinho sabe? Então a gente teve assim uma recuperação muito boa desse aluno.

Com a P1p, vimos que ela teve um aluno com dificuldades especiais, e que a Psicopedagoga auxiliou tanto ele, como também fez o trabalho com ela, ou seja, ela teve que aprender a ensinar esse novo aluno que precisava tanto dela. Já a P2p mencionou o fato de a professora estar sempre presente, se dedicar ainda mais a esse aluno, fazendo o trabalho diferenciado e individual, ou seja, não é só entregar nas mãos do psicopedagogo e pronto. O professor deve fazer o acompanhamento para que o resultado seja ainda mais significativo.

Com as professoras da escola municipal, não foi diferente:

P1m: Nossa, maravilhoso, maravilhoso, 100%, eu acho que tem que fazer né esse, eu acho que a gente tem que ter recursos que é pro nosso trabalho também render, eu acho que tem que ter uma seqüência, professor na sala de aula, o professor na oficina, o psicólogo, a Apae, nós também temos um contato assim bem grande com o pessoal da Apae, da Apae de Sombrio, e da Santa Rosa, é uma troca na verdade, se eles precisam de alguma coisa, se alguma coisa não tá se saindo bem, né, que eles observaram alguma coisa, eles vêm até nós. Ou alguma coisa que esta relacionada ao aluno, ou a família a gente, a gente vai até a Apae, né, é uma troca na verdade, eu acho que o resultado vem daí.

P2m: Já, não neste ano ainda, mais nos outros anos já, alguma melhora sempre tem, mais se sabe que esses casos assim, de dificuldades de aprendizagem, é um resultado que você vai ver a longo prazo né, tem que ter muita paciência, perseverança, né, resultados assim, tudo que tu faz em prol do aluno, é um resultado positivo, né, mesmo que naquele ano ele não apresente o resultado que você gostaria, mas foi sempre positivo o resultado dos alunos que a gente encaminhou.

P1m reforça a troca entre os profissionais, e que o resultado vem dessa troca, desse trabalho em conjunto. Fernández (2001, p. 37) nos relata um exemplo de intervenção psicopedagógica em uma escola, a psicopedagoga é Tereza, a professora Maria, e o aluno com dificuldades de aprendizagem é João. Maria chega a Tereza com a seguinte queixa: “Tenho um menino que você precisa ver, porque algum problema ele tem”. Tereza nessa hora precisa responder a si mesma: “Eu, Tereza, tenho um problema: como fazer para que Maria, professora, reconheça que tem um problema em relação ao João.” o professor precisa reconhecer o quanto importante ele é, e o quanto ele pode ajudar o aluno, como nos disseram duas professoras entrevistadas, que o professor precisa se envolver nesse processo de reconstrução de autonomia e auto-estima.

P2m fala que os resultados das intervenções, podem ser a longo prazo, que o professor tem que ter paciência e perseverança, ou seja, o professor nunca pode desistir do aluno. Por mais difícil que seja, o professor deve tentar de todas as maneiras. A professora P2m, nos fala de uma qualidade muito importante a profissão de professor, que é a perseverança, a esperança, que só se constrói a partir da relação que o mesmo faz consigo e com sua profissão, com seu desejo em ensinar, e satisfação ao perceber que seu objetivo foi alcançado.

O objetivo da psicopedagogia são as dificuldades de aprendizagem, ou seja, o sujeito que esta com dificuldade em aprender, e o que podemos ver com essa pesquisa é que o sujeito em questão pode ser tanto o aluno, como o professor, e também a escola. Analisar a dificuldade de aprendizagem do sujeito numa abordagem psicopedagógica, é diagnosticar esse problema, dar um olhar diferenciado a situação, analisar tudo que influencia no processo de ensino e aprendizagem. É convocar a si mesmo e aos outros a refletirem sobre seu papel no processo, e a reconhecerem-se como autores de seu próprio aprendizado, que todos somos capazes de aprender e a ensinar, independente de idade, profissão, religião, classe social etc. Permitindo a cada um desse processo a alegria em aprender.

7 CONCLUSÃO

Com essa pesquisa percebemos que as dificuldades de aprendizagem mais encontradas pelas professoras das séries/anos iniciais foram a escrita e a leitura, devido a cultura do nosso país, ao fato de não estarmos habituados a ler e escrever, dando mais atenção a televisão, computadores etc. Uma professora citou a nossa gramática como “complicada” e que assim dificulta na aprendizagem.

Compreendemos que as professoras quando encontram esses alunos com problemas no processo ensino aprendizagem, em primeiro lugar modificam suas metodologias, trabalham individualmente e diferenciado com esse aluno, e quando isso não funciona, elas buscam outros encaminhamentos. As duas escolas pesquisadas, possuem todos os recursos necessários para ajudar, e principalmente o profissional da psicopedagogia que trabalha de forma interativa e preventiva com o professor, oferecendo melhorias e qualidade na hora de ensinar na sala de aula.

Com o referencial teórico dessa pesquisa, junto com as entrevistas, estudamos a psicopedagogia, e ver quão importante seus estudos são para a educação nos dias atuais, pois nossa sociedade muda rapidamente, seus valores, e isso acaba interferindo na família, na escola, e na educação de nossas crianças. E esse profissional da psicopedagogia traz um olhar novo para esse processo, para o professor, a escola e o aluno, esse olhar que é tão importante para analisarmos as dificuldades de aprendizagem, que cada vez tomam um lugar maior na educação, com essa pesquisa percebemos o quão importante é, termos o profissional da psicopedagogia na escola, termos professores bem formados, que conhecem a psicopedagogia e suas contribuições para a educação.

A psicopedagogia vem com uma proposta preventiva muito importante para trabalhar tanto com a escola, como o aluno e o professor. E acreditamos que esse estudo, ainda, vai contribuir muito mais para a educação, para auxiliar o professor na hora de sua auto avaliação, na hora de olhar para seu aluno, para a escola onde leciona, e refazer suas propostas e concepções, para que assim, trabalhar na construção de alunos críticos e autônomos.

Foi observado a dedicação que as professoras oferecem a esses alunos, a importância delas estarem fazendo o acompanhamento aos atendimentos, seja eles fonoaudiólogo, neurológico, psicológico e psicopedagógico. Assim, não é

transferir um problema seu para outro, mais compartilhar de uma situação problema, e solucionar, trazendo aprendizado para todos, extinguindo as barreiras entre ensinantes e aprendentes, fazendo do aluno um aprendente ensinante, e do professor um ensinante aprendente. Com essa relação entre ambos, todos poderão aprender e ensinar, e quem sabe assim, não haverá mais dificuldades de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARONE, Leda Maria Cadeço. **De ler o desejo, ao desejo de ler: uma leitura do olhar psicopedagógico**. Petrópolis. RJ: Vozes, 1993.

BARBOSA, Laura Monte Serrar. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente, 2001.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre. 2.ed. Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico**. Artmed, 2002.

EIGUER, E. **A família como lugar de transmissão cultural**. *Jornal de psicanálise*, 30, jun/1997, p.236-276. São Paulo [s.e].

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. **Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. **Tratamiento grupal de los problemas de aprendizaje**, in *Temas de Psicopedagogia*, anuário, Buenos Aires, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar - e - aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GARDIN, Danilo. **Escola e transformação social**. Petrópolis: Vozes, 1988.

GOLBERT, Clarissa S. **Considerações sobre as atividades dos profissionais em Psicopedagogia na região de Porto Alegre**, in *Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia*, ano 4, no. 8, agosto de 1985.

GOSSLER, Márcia Alves Simões. O silêncio da família e a dificuldade de aprendizagem. In _____. **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-**

moderna. São Paulo: Vozes, 2003.

KIGUEL, Sonia Moojen. **Reabilitação em Neurologia e Psiquiatria Infantil – Aspectos Psicopedagógicos**. Congresso Brasileiro de Neurologia e Psiquiatria Infantil – A Criança e o Adolescente da Década de 80. Porto Alegre, Abenepe, vol. 2, 1983.

MENDES, Gloria Maria Siqueira. **O desejo de conhecer e o conhecer do desejo: mitos de quem ensina e de quem aprende**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MERY, Janine. **Pedagogia Curativa, Escolar e Psicanálise**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. Educação e Família numa visão psicopedagógica. In _____. **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna**. São Paulo: Vozes, 2003.

NEVES, Maria A. C. M. **Psicopedagogia: um só termo e muitas significações**, *in boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia*, vol. 10, no. 21, 1991.

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZORZI, Jaime Luiz. Aprender a ler e a escrever: indo além dos métodos. In _____. **Psicopedagogia: Contribuições para a educação pós-moderna**. São Paulo: Vozes, 2003.

APÊNDICE: ROTEIRO DA ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORAS

Dados de identificação

Série:

Idade:

Área de formação:

Quanto tempo de atuação no ensino fundamental:

- 1. O que você entende por dificuldade de aprendizagem?**
- 2. Quais as dificuldades de aprendizagens recorrentes em sala de aula?**
- 3. Que procedimentos você utiliza em sala de aula em relação ao aluno com dificuldade de aprendizagem?**
- 4. Além dos procedimentos da sala de aula, que outros encaminhamentos podem contribuir nesse processo?**
- 5. Você já teve algum aluno, que teve atendimento psicopedagógico? Se teve, percebeu contribuições significativas?**